

SALVADOR Rosa volta ao palco do Municipal. O Estado de São Paulo, São Paulo, 09 set. 1977.

“Salvador Rosa” volta ao palco do Municipal

São Paulo assiste hoje à primeira de uma série de três apresentações da ópera “Salvador Rosa”, de Carlos Gomes, 104 anos depois de sua estréia no Teatro Carlo Felice de Gênova, Itália, e 51 anos depois de sua última apresentação no Teatro Municipal. É a terceira atração da Temporada Lírica Oficial de 1977 e a que exigiu mais recursos — mais de um milhão de cruzeiros, segundo o empresário Emilio Billoro — aplicados principalmente nos cenários e figurinos e Gianni Ratto.

Com direção cênica do próprio Ratto, “Salvador Rosa” será regida pelo maestro Simon Blech, à frente da Orquestra e do Coral Lírico municipais. O tenor Benito Maresca interpreta o papel título, ao lado dos seguintes outros cantores brasileiros: Nina Carini (Isabella) Edilson Costa (Duque d’Arcos), Paulo Fortes (Masaniello), Ruth Staerke (Gennariello), Aguiinaldo Albert (Condé de Badajoz), Ayrton Nobre (Fernandez); Wilson Carraca (Corcelli), Boris Farina (Lorenzo) e Leila Tayer (Bianca e Inês). A ópera será rerepresentada depois de amanhã, em récita vespéral (16 horas) e quarta-feira, em récita extraordinária, às 21 horas.

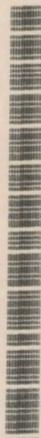
Em quatro atos e sete quadros, “Salvador Rosa” é a quinta ópera de Carlos Gomes, que antes havia produzido *Se sa minga* e *Nella luna* (óperas comicas), “O Guarany”, “Telégrafo elétrico” (opereta) e a “Fosca” (seguiram-se mais tarde “Maria Tudor” e *Lo Schiavo*). A ópera tem libreto de Antonio Ghislanzoni e foi inspirada no romance

Masaniello, do publicista francês Eugene de Mirecourt. Salvador Rosa, historicamente real, foi poeta, pintor, gravador e músico do seicento italiano. É ele a figura central do melodrama, que conserva o sentido grandioso da ópera oitocentista.

A base histórica do drama é a malograda revolta napolitana de 7 de julho de 1647, na época do domínio espanhol, quando pescadores, chefiados por Masaniello (corruptela de Tomaso Aniello) se insurgem contra os impostos excessivos cobrados pelo vice-rei, o Duque d’Arcos. Saovador Rosa, que viveu de 1615 a 1673 e que, além de artista era aventureiro, adere à rebelião e, ao lado de Masaniello, arrisca a vida na defesa dos oprimidos. Por não fugir aos moldes melodramáticos da época, a ópera envolve também uma história de amor, entre o herói e Isabella, filha do vice-rei. O trecho mais conhecido da ópera é a aria *Mia piccerella*, gravado, entre outros, por Enrico Caruso e Claudia Muzio.

Segundo a crítica, Carlos Gomes seguiu de perto a criação poética de Ghislanzoni. O músico e o libretista discutiram juntos a distribuição das cenas e as efusões dramáticas. De acordo com um comentarista, “sente-se que o dedo do músico atenuou de muito o sentido do dramalhão que inicialmente surgiu no pensamento do poeta”. O crítico acrescenta: “O gênio de Carlos Gomes conjurou esse perigo, tão comum em uma época que começava a ver surgir nos pentagramas o primeiro veneno sutil do verismo”.

Centro de Memória - Biblioteca



CMUHE010197

Salvador Rosa volta ao palco do Municipal. O estado de São Paulo. São Paulo, 09 set. 1977.



Um auto-retrato de Salvador Rosa, que Carlos Gomes imortalizou em sua ópera